



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA- UNB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL- UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO- FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

TATIANE GONÇALVES RODRIGUES ROSA

**Atividades lúdicas e suas contribuições
no processo de alfabetização do ensino fundamental
em uma escola pública de Goiás**

CIDADE DE GOIÁS-GO, 11 dezembro de 2015.

TATIANE GONÇALVES RODRIGUES ROSA

**Atividades lúdicas e suas contribuições
no processo de alfabetização do ensino fundamental
em uma escola pública de Goiás**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia a distância UnB - Universidade
Aberta do Brasil – UAB - -Universidade de
Brasília-UnB -Faculdade de Educação – FE.

Cidade de Goiás, 11 dezembro de 2015.

ROSA, Tatiane Gonçalves Rodrigues. Atividades lúdicas e suas contribuições no processo de alfabetização do ensino fundamental em uma escola pública de Goiás, 2015. 57 páginas. Faculdade de Educação - FE, Universidade de Brasília-UnB/Universidade Aberta do Brasil - UAB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia a Distância.

TATIANE GONÇALVES RODRIGUES ROSA

**Atividades lúdicas e suas contribuições
no processo de alfabetização do ensino fundamental
em uma escola pública de Goiás**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia a distância UnB - Universidade
Aberta do Brasil – UAB - -Universidade de
Brasília- UnB-Faculdade de Educação – FE.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra Norma Lucia Neris de Queiroz (Orientadora)

Profa. Neuza Maria Deconto(Examinadora)

Profa. Sandra Regina Santana Costa (Examinadora)

Cidade de Goiás, 11 dezembro de 2015.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho em especial ao meu esposo Ricardo e às minhas filhas que tanto me deram forças para continuar nesta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por tudo, por me iluminar nas horas das dificuldades me dando inteligência e sabedoria para superar minhas necessidades.

Obrigada a minha família em especial ao meu esposo que foi por causa dele que estou fazendo esse curso superior, pois ele muito me incentivou a estudar e me acompanhou nesta jornada acadêmica.

A todas as minhas colegas que tive oportunidade de conhecer durante o período do curso e as levarei em meu coração para sempre. E também a tutora Paulene Almeida Rodrigues que sempre esteve presente nos dando suporte e muitas às vezes, escutando nossas angústias.

A todas as pessoas que fizeram parte da minha vida de estudante durante esses dez semestres desse curso de licenciatura em Pedagogia.

A todos que diretamente ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

“Brincar desenvolve as habilidades da criança de forma natural, pois brincando aprende a socializar-se com outras crianças, desenvolve a motricidade, a mente, a criatividade, sem cobrança ou medo, mas sim com prazer.”

Nylse Helena da Silva Cunha (2001).

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo geral analisar a prática pedagógica desenvolvida por uma professora e sua turma, buscando identificar as contribuições das atividades lúdicas para aprendizagem dos alunos do primeiro ano do ensino fundamental. E os objetivos específicos são: Identificar o que a professora compreende por atividades lúdica, ensino e aprendizagem. Descrever a prática pedagógica desenvolvida pela professora. Analisar a relação entre professoras-aluno e entre alunos-colegas. Para fundamentar a análise dos dados, compusemos o referencial teórico a análise de dados trabalhou no referencial teórico os autores: Soares (2003), Ferreiro (1996), Martins (2010), Vygotsky (1991, 1989), Freire (2002), Morais e Albuquerque (2004), Teberosky (1995), Queiroz (2006) e Prodanov (2013). A metodologia de pesquisa escolhida foi a qualitativa e os instrumentos de coleta de dados foram: entrevista semiestruturada, observações em sala de aula, análise documental do Projeto político pedagógico. Com a realização do objetivo geral ficou claro que o professor tem que observar mais o conhecimento do aluno as habilidades e atitudes que trazem para sala de aula, e com essa observação pode se perceber que a aprendizagem com compreensão pode desenvolver na criança competência, onde o aprender fica mais fácil. Em cada turma observada a prática pedagógica era diferente, mas em ambas o uso de recursos lúdicos colaborava muito no processo de aprendizado. Quanto aos objetivos específicos, observando a prática pedagógica de cada professora e sua relação com a turma a pesquisa de campo deixou claro que por meio dos recursos lúdicos é possível construir uma nova forma de ensino na qual o aluno vai em busca de novos conhecimentos juntamente com o auxílio do professor, isto é, ele se torna responsável pela sua própria aprendizagem, desta forma é possível alcançar os objetivos da alfabetização e letramento, utilizando os procedimentos construtivistas para auxiliar em sua formação. Diante das observações na sala de aula pude concluir que as práticas pedagógicas devem ser variadas, intercalando o lúdico e o conhecimento cognitivo e social propiciando a integração professor/aluno para alcançar os objetivos da alfabetização e letramento, utilizando os procedimentos construtivistas para auxiliar em sua formação.

Palavras-Chave: Atividades lúdicas. Alfabetização. Alunos do 1º ano do ensino fundamental.

SUMARIO

DEDICATÓRIA	4
AGRADECIMENTOS	5
RESUMO.....	7
SUMARIO	8
APRESENTAÇÃO	10
PARTE 1	12
Quem sou eu?.....	12
De onde eu vim?.....	13
Iniciando o curso de Pedagogia.....	14
As disciplinas e os Projetos	14
PARTE 2 – MONOGRAFIA	19
2. INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO I.....	21
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	21
1.1 – Direito dos alunos à educação de qualidade e ao ensino fundamental	21
1.2 - Alfabetização, letramento e atividades lúdicas.....	22
1.3 - O que fazemos quando lemos e escrevemos?	24
1.4 - A construção do conceito de alfabetização e letramento no Brasil.....	26
1.4.1 A desinvenção da alfabetização	28
1.5. Processo de alfabetização e letramento e a ludicidade	31
CAPÍTULO II	35
METODOLOGIA DE PESQUISA.....	35
2.1- Contextos de pesquisa	35
2.2 Participantes da Pesquisa.....	40

2.3 Instrumentos utilizados na coleta de dados.....	41
CAPÍTULO III.....	42
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	42
Quadro 1 – Resultados das entrevistas com as professoras.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS NO CAMPO DA PEDAGOGIA	52
APÊNDICE A.....	54
Apêndice B.....	55
Apêndice C.....	56
Apêndice D.....	57

APRESENTAÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é exigido para o cumprimento do requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia a Distância pela Universidade Aberta do Brasil-UAB/Universidade de Brasília UnB- Faculdade de Educação-FE.

Este trabalho foi composto de três partes. A primeira parte foi o Memorial Educativo, no qual relatei o meu percurso escolar até a vida acadêmica. Na segunda parte, tratei da pesquisa que denominei, aqui, de atividades lúdicas e suas contribuições no processo de alfabetização do ensino fundamental em uma escola pública de Goiás.

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar a prática pedagógica desenvolvida por duas professoras e suas turmas, buscando identificar as atividades lúdicas e suas contribuições no processo de alfabetização do ensino fundamental em uma escola pública de Goiás e como objetivos específicos: identificar o que as professoras compreendiam como atividades lúdicas, ensino e aprendizagem. Descrever a prática pedagógica desenvolvida pelas professoras pesquisadas. Analisar a relação entre professora e aluno e entre alunos-colegas. Para embasar teoricamente a análise de dados, trabalhamos no referencial teórico os autores: Soares (2003), Ferreira(1996), Martins(2010), Vygotsky(1991, 1989), Freire (2002), Moraes e Albuquerque (2004), Teberosky (1995), Queiroz (2006) e Prodanov (2013).

Nesta segunda parte, busquei enfatizar as atividades lúdicas e suas contribuições no processo de alfabetização do ensino fundamental em uma escola pública de Goiás. Sendo assim, as atividades lúdicas foram vistas como recursos pedagógicos e constituem recursos criativos, interativos, cooperativos, pois possibilitam ao aluno construir seus conhecimentos por meio de desafios, formulação de hipóteses, resolução de problemas de modo afetivo e concreto.

Por meio das brincadeiras e dos brinquedos como ressalta Vygotsky (1991), as crianças expressam e socializam seus sentimentos, apresentam suas ideias, criam, inventam, expressam sua linguagem e interage com os colegas. O brincar é uma linguagem que ajuda a criança socializar e interpretar diferentes papéis de modo espontâneo e quando é possível também divertido.

Sabe-se que o processo de alfabetização, letrando é considerado apenas o começo de um processo mais amplo do aprendizado da leitura e da escrita e de continuidade à escolarização. É, assim, a primeira caminhada de uma trajetória a ser percorrida por toda a vida.

A metodologia de pesquisa escolhida foi a qualitativa e os instrumentos de coleta de dados foram: entrevista semiestruturada, observações em sala de aula e análise documental do Projeto político pedagógico.

A terceira parte foi composta pelas perspectivas profissionais, nas quais descrevi o que pretendo realizar, no futuro, após concluir o curso. No meu caso, o que gostaria de fazer em breve é uma pós-graduação.

PARTE 1

I - MEMORIAL EDUCATIVO

Este memorial tem como objetivo apresentar a minha trajetória de formação e o percurso vivenciado objetiva e subjetivamente, refletindo sobre o caminho percorrido durante a vida escolar e a acadêmica.

De onde eu vim? Para onde eu vou? Essas perguntas vão dizer um pouco sobre o caminho que percorri desde o meu primeiro dia de aula até chegar agora na conclusão da graduação em Pedagogia. Este memorial faz com que eu volte ao passado, relatando os acontecimentos vividos. Embora pareça que não tenha relação, mas creio que eles estão interligados.

Resgatar a memória da infância é recordar momentos bons e ruins, mas que sempre abre novos caminhos para chegar até ao momento da conclusão deste curso. Tudo o que consegui sempre foi com muita luta e persistência, pois sempre busquei a vitória. Por isso, estou aqui relatando mais essa conquista. A oportunidade de contar minhas vivências por meio da escrita é uma forma de escrever a história para deixá-la registrada. Fatos que aconteceram e que estão acontecendo agora são minhas memórias, a minha identidade como pessoa, estudante e profissional.

A cada trecho percorrido refleti sobre o verdadeiro papel da aprendizagem em nossa vida, e sobre como ela pode influenciar de forma positiva. Uma coisa, portanto, ficou clara é preciso sempre aprender para se ter um futuro melhor.

Neste memorial, relato momentos de idas e vindas, lembranças que remetem ao passado e nos trouxeram para o presente um momento inesquecível e nos levam ao futuro sempre em busca de “coisas” novas e boas.

Quem sou eu?

Sou Tatiane Gonçalves Rodrigues Rosa, casada, 36 anos, moro na cidade de Goiás desde que nasci. Gosto de fazer as “coisas” certas e justas. Sou briguenta, também, mas sou dedicada, esforçada, sempre busco fazer as “coisas” para alcançar meus objetivos.

Hoje, trabalho em uma escola particular e gosto muito de crianças. Tenho duas filhas biológicas e quando comecei o curso de Pedagogia, Deus me deu a

terceira filha, que é adotiva. Gosto de passear com a minha família e aproveitar a vida ao máximo que podemos.

De onde eu vim?

Venho de uma família humilde, meus pais são casados, minha mãe estudou até 8º ano do ensino fundamental e meu pai cursou apenas o 4º quarto ano do ensino fundamental. Tenho dois irmãos e uma irmã. Minha irmã terminou o ensino médio no ano passado em 2014 e meus irmãos pararam de estudar ainda no ensino fundamental. Meus pais mesmo com todas as dificuldades sempre fizeram tudo para que estudássemos em escolas públicas, mas eram boas. Sempre fui uma aluna esforçada e dedicada aos estudos, e nunca reprovei em nenhuma série.

Comecei estudar na pré-escola e gostava muito de escrever. As professoras eram muito carinhosas. Gostava muito dos recadinhos que elas colocavam no caderno isso sempre me incentivou muito a gostar da escola. Sempre gostei da educação infantil, porque ali todas as professoras me incentivam a gostar de aprender.

No ensino fundamental, as professoras eram mais rígidas, grossas nem sempre tinham paciência de explicar o conteúdo. Muitas vezes apresentavam o conteúdo só uma vez e tudo se tornava muito difícil, mas com o tempo tive de estudar sozinha, porque não tinha minhas doces professoras.

Com isso, no ensino fundamental, tudo começou a ficar difícil para mim, pois tive de trabalhar em casa de família para comprar roupas, uniformes, materiais escolares, calçados, alimentos, porque minha família estava em um momento ruim, e quem nos ajudou foi meu tio padrinho que até hoje é quem ajuda a todos da nossa família.

Quando comecei a trabalhar tinha 13 anos, apesar das dificuldades, consegui terminar o ensino fundamental. No ensino médio, passei a estudar a noite para fazer o curso de contabilidade. Este curso não me ajudou em nada, pois fiz por fazer. Conclui mas nunca entrei em um escritório de contabilidade nem para conhecer. Terminei o ensino médio e logo me casei. Tive também logo a minha primeira filha e bem próximo, a segunda. Em seguida no ano de 2003, fiz um concurso para agente de saúde. Passei em primeiro lugar, mas não pude assumir o trabalho. No dia em que ia começar a trabalhar minha filha caçula ficou doente. Aí começou a frustração

de ficar em casa vendo a vida passar sem fazer nada fora do trabalho doméstico e cuidar das crianças. Isto estava me deixando nervosa, vendo as pessoas trabalharem e estudarem e eu, ali parada.

Um dia meu marido me disse que estavam abertas as inscrições para curso de Pedagogia e Geografia à distância e me questionou porque eu não fazia? Ele propôs fazermos juntos? E disse: sua inscrição já está feita. Aí eu pensei, o curso é a distância não preciso sair todos os dias para estudar. Posso fazer tudo em casa, isso vai ser maravilhoso. Meu marido fez as nossas inscrições. Prestamos o concurso do vestibular, nem acreditei quando vi que tinha passado e meu marido, não. Depois, ele foi aprovado em um curso presencial. Ele começou, mas alguns meses depois, parou os estudos.

Iniciando o curso de Pedagogia

Iniciar o curso de Pedagogia foi um sonho porque sempre quis ser educadora, mas nunca pensei que iria consegui realizá-lo. Sempre busquei ter uma vida melhor do que a infância que tive, pois foi vivida com muitas dificuldades.

Hoje, o meu conceito ainda é o mesmo sobre a Pedagogia. Temos de ter amor, carinho, respeito pelo ser humano e que devemos sempre valorizar o outro e buscar uma boa educação para as crianças e que o futuro delas seja melhor e com muitas aprendizagens.

A educação a distância (EAD) me deu a oportunidade de estudar para realizar meu sonho. Entretanto para ter sucesso nessa modalidade de ensino é preciso muita disciplina e vontade. Sempre pude fazer meus horários de estudos e tive vontade de estudar e realizar todas as atividades. A Faculdade de Educação da UnB é muito bem estruturada e organizada. Nós podemos contar ainda com o apoio do polo presencial da EAD em nossa cidade de Goiás, que não mede esforços para nos auxiliar no que for preciso.

As disciplinas e os Projetos

As disciplinas e os projetos realizados no curso foram muito importantes. Todos eles nos ensinaram muitos conteúdos para a nossa formação acadêmica, desde o momento do início do curso até agora venho adquirindo conhecimentos.

Todas as disciplinas e projetos foram essenciais para minha caminhada, porque serviram de apoio e referência para a prática e a vida pessoal.

Uma das disciplinas que chamou a minha atenção foi a Pedagogia Hospitalar, porque nos ensinou a trabalhar com crianças hospitalizadas. Apesar de as crianças terem o direito garantido por lei de receberem esse atendimento. Isso nos faz ser mais útil em poder ajudá-las.

O Projeto 4, fase 1 foi desenvolvido em dupla com a colega Arethusa. Trabalhamos com uma turma de educação infantil, no Jardim I da Escola pública municipal Sonho Infantil. O tema escolhido para o projeto pedagógico foi: brincadeiras e cantigas de roda. Uma das músicas trabalhadas foi “A canoa virou”, na qual buscamos explorar as raízes da cultura da cidade, resgatando outras cantigas de roda que as crianças de hoje já não conhecem mais.

Partindo do resultado deste projeto, acreditamos que a brincadeira e as cantigas de roda são excelentes estratégias pedagógicas para o desenvolvimento da linguagem oral, desenvolvimento físico, social, mental, cultural e emocional das crianças pequenas. Trabalhar com essa temática é uma necessidade constante com as turmas da educação infantil, por serem crianças pequenas e estas atividades podem ajudá-las a significar a escola como um lugar alegre e essencial na vida delas.

Para planejar o projeto pedagógico de intervenção, fizemos um levantamento de interesse e necessidade junto com as duas professoras das turmas de educação infantil. Chegamos à conclusão que por serem crianças bem pequenas o trabalho com brincadeiras e cantigas de roda poderia contribuir com o desenvolvimento delas, principalmente, na hora do recreio, por perceber a importância do lúdico para esta faixa etária.

Na fase 2 do Projeto 4, propusemos a aprendizagem de conteúdos formais por meio da brincadeira. O projeto pedagógico aqui foi “Brincando com as palavras”. Esse projeto foi realizado também na mesma escola do anterior, ou seja, Escola Municipal Sonho Infantil. O projeto definiu como objetivo trabalhar a leitura e a escrita de palavras por meio de brincadeiras. Para que comunicasse às crianças que elas podiam aprender, brincando com aspectos da língua escrita no processo de alfabetização. Exploramos com esse projeto, o raciocínio das crianças, promovendo o desenvolvimento e o equilíbrio com brincadeiras.

Neste projeto, trabalhei com brincadeiras envolvendo palavras, ensinando as crianças, do ensino fundamental, escreverem o que não sabiam, essas crianças eram do 1º ano, com idade de 6 e 7 anos.

Foi muito gratificante desenvolver esses projetos pedagógicos nos estágios, pois tivemos a oportunidade de colocar em prática quase tudo ou pelo menos, boa parte do que aprendemos. Além disso, conhecemos um pouco a realidade de uma escola e o seu funcionamento.

Nos estágios supervisionados pude aprender muito e foram também gratificantes. Cheguei à conclusão de que a modalidade que quero trabalhar é a educação infantil. Todos os momentos foram maravilhosos e únicos, conhecer a rotina e os funcionários da Escola Municipal, foi muito bom porque passei a ser professora substituta na escola e sou convidada para fazer parte de todas as festas escolares.

A disciplina Processo de alfabetização teve a finalidade de discutir a alfabetização e letramento como um processo. Assim foi fundamental para a prática pedagógica do professor alfabetizador, que ele desenvolve o domínio linguístico e as habilidades para ler e escrever com diversos gêneros textuais. O professor neste caso se preocupa em desenvolver com seus alunos a aquisição da leitura, da escrita e do letramento. Hoje é preciso que o professor ensine e os alunos aprendam além as letras e de sua relação com os sons, palavras e frases.

Já com a disciplina Planejamento Educacional pude aprender a importância do planejamento e que ele é um processo amplo e necessário para a instituição e para cada professor em particular. Sua operacionalização compreende modos diferentes de pensar e agir. Sendo que os fatores externos e internos influenciam fortemente o planejamento e as tomadas de decisões. “Planejamento educacional: é o processo de abordagem racional e científica dos problemas de educação, incluindo definição de prioridades e levando em conta a relação entre os diversos níveis do contexto educacional”. Na educação têm leis, diretrizes curriculares e políticas públicas que permeiam e regem o processo de ensino aprendizagem visando uma oportunidade para todos, mas que deve ser elaborada e executada de maneira planejada para poder alcançar o resultado desejado.

Na disciplina Educação das Relações Étnicas Raciais: muito contribuiu para minha vida pessoal, pois percebi que devemos trabalhar com práticas pedagógicas

que busquem eliminara discriminação racial. É um rompimento de barreira contra o preconceito, o qual busca a naturalização das diferenças étnicas raciais, pois este sempre tende para o racismo biológico, e acaba reforçando o mito da democracia racial. A escola, como instituição social, responsável pela organização, transmissão da cultura e socialização dos conhecimentos, é também o local de superação dessas ideias (sem acento) distorcidas formadas por negro ou qualquer outro tipo de preconceito.

Já a disciplina Avaliação nas Organizações Educativas discutiu a necessidade dos professores para alcançarem o principal objetivo da escola têm de fazer com que todos os alunos avancem. Discutiu, ainda, os critérios de avaliação de forma coletiva sempre ajuda a obter resultados melhores para todos os alunos. O resultado da avaliação pode ajudar o professor a planejar atividades de ensino mais adequadas ou definir novos rumos para o aprendizado.

Gostei muito de cursar a disciplina: Escolarização de Surdos e Libras, pois foi possível aprender a língua de sinais e acredito que é muito importante que a língua de sinais seja divulgada para que todos saibam pelo menos o básico para comunicar com pessoas surdas que sejam respeitadas e incluídas o mais rápido possível.

Como Pedagoga, já com uma bagagem bem ampla de conhecimento e conceitos, não poderia trabalhar de outra forma, a não ser o respeito das diferenças, procurando me esforçar, buscando aprender a lidar com as diferenças, buscar o aperfeiçoamento da prática da língua de sinais para trabalhar com crianças e jovens surdos.

E nós como professores e pedagogos precisamos estar atualizados e com a formação para que possamos realizar ou desenvolver a prática pedagógica com segurança e qualidade.

Agora com a aprendizagem que consegui durante esses dez semestres de curso, esse é o momento de demonstrar o que aprendemos durante esses anos e fazer um ótimo TCC estou na expectativa da apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso.

A escrita deste memorial fez com que relembresse alguns momentos importantes de minha trajetória escolar e acadêmica. O memorial é uma espécie de autoavaliação. Ajuda a fazer um resgate do caminho percorrido, buscar por meio da

escrita da construção da memória, dos conhecimentos, do aprendizado, analisando o tempo e refletindo sobre a experiência.

Concluo que a finalização deste curso é mais uma etapa da minha vida percorrida e vencida, mas muitas batalhas ainda estão por vir, pois acredito no meu potencial de luta e de conquista. Sei que vencerei. Tudo que aprendi será levado para o meu dia a dia, para minha caminhada profissional, procurando buscar, ainda, mais e mais, sabendo que há muito que conhecer e aprender, pois a trajetória da formação é longa. No entanto se acreditarmos, nos esforçar e aprender sempre chegaremos à vitória.

PARTE 2 – MONOGRAFIA

2. INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como objetivo investigar as atividades lúdicas e suas contribuições no processo de alfabetização do ensino fundamental em uma escola pública de Goiás, em especial, no desenvolvimento da habilidade de ler e escrever de maneira prazerosa e descontraída, bem como a linguagem oral. Para tal desenvolvimento é interessante o professor oferecer atividades, nas quais os alunos desenhem, reconheçam, formem e escrevam palavras por meio de brincadeiras e vivenciem situações lúdicas de aprendizagens significativas, utilizando, ainda, brincadeiras populares, bem como desenvolvam a criatividade dos alunos. O presente tema foi escolhido diante das dificuldades e necessidades apresentadas pelos alunos nas áreas de leitura e escrita, quando realizei o componente curricular Projeto IV, Estágio Supervisionado.

A relação entre brincadeira e desenvolvimento humano deve ser comparada à relação entre instrução e desenvolvimento. Por trás da brincadeira estão as alterações das necessidades e de caráter mais geral da consciência. A brincadeira é também fonte do desenvolvimento, por isso as práticas pedagógicas devem privilegiar situações de aprendizagem aos alunos pequenos, de natureza lúdica.

Pereira (2012) destacou que Piaget mostrou que os seres humanos se desenvolvem a partir da interação com o mundo, com os objetos e a aprendizagem é um processo gradual. Piaget mostrou, ainda, que há diferentes maneiras do indivíduo interagir com a realidade e organizar a aprendizagem dos conhecimentos escolares e do mundo, visando sua adaptação.

Esta pesquisa teve como o objetivo geral analisar a prática pedagógica desenvolvida por duas professoras e suas turmas, buscando identificar as contribuições das atividades lúdicas para aprendizagem dos alunos do primeiro ano do ensino fundamental em uma escola pública.

Elaborei como objetivos específicos identificar o que as professoras compreendiam por atividades lúdicas, ensino e aprendizagem; descrever a prática pedagógica desenvolvida pelas professoras participantes do estudo; analisar a relação das professoras-alunos e dos alunos com seus colegas.

A metodologia de pesquisa escolhida foi a qualitativa e os instrumentos de coleta de dados foram a entrevista semi-estruturadas, as observações em sala de aula e a análise documental sobre o Projeto político pedagógico da escola.

Para facilitar a leitura deste estudo, organizamos três capítulos. No primeiro, elaborei o Referencial Teórico, abordando aspectos referentes ao tema e aos principais conceitos com vistas a subsidiar a análise de dados.

No segundo capítulo, abordei a metodologia de pesquisa utilizada no presente estudo. Foram descritas as opções teórico-metodológicas, a abordagem que norteou o caminho percorrido para a coleta de dados. Nesse percurso, optou-se pela pesquisa qualitativa e os instrumentos de coleta de dados foram a entrevista semiestruturada com duas professoras e a observação participante nas salas de aula do 1º ano do ensino fundamental. Foram apresentados aqui também o contexto pesquisado, os participantes e os procedimentos de coleta de dados, buscando situar o leitor frente à realidade da pesquisa.

No terceiro e último capítulo, apresentei a proposta de análise de dados e a discussão dos resultados deste estudo alicerçadas na fundamentação teórica, buscando ampliar nosso olhar sobre a importância das atividades lúdicas no processo de alfabetização do 1º ano do ensino fundamental.

Ao realizar este estudo com esta temática apoiei-me na necessidade de ampliar o olhar do professor sobre as atividades lúdicas na alfabetização, para responder as indagações cada vez mais frequentes sobre o uso da leitura e da escrita na sociedade atual em uma perspectiva do letramento. Creio que este estudo pode contribuir com o professor que esteja disposto a repensar sua atuação em sala de aula e ao mesmo tempo valorize os interesses e saberes de seus alunos, bem como ampliar a discussão sobre o ensino e aprendizagem da leitura e da escrita.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo foi elaborado com o apoio de diversos autores que estudam a alfabetização, o letramento, atividades lúdicas e os direitos dos alunos entre 06 e 17anos de idade, amparados pelos documentos legais, isto é, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 9394/96) e o Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2020) com o objetivo de fundamentar a análise de dados da presente pesquisa.

1.1 – Direito dos alunos à educação de qualidade e ao ensino fundamental

Para garantir o direito à educação de qualidade aos alunos no ensino fundamental qualificação dos profissionais e as condições estruturais do sistema de ensino devem estar alinhadas. Além disso, as orientações em relação à condução do processo de ensino devem ser claras. Neste sentido, cabe aos professores buscarem essas orientações nos documentos tais como: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 9394/96), o Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2020), os Parâmetros Curriculares Nacionais que constituem referenciais de qualidade para a educação básica de todo país.

Até dezembro de 1996, o ensino fundamental esteve estruturado nos termos previstos na LDB (Lei 5692, de 11 de agosto de 1971). Essa lei, ao definir as diretrizes e bases da educação nacional, estabeleceu como objetivo geral “proporcionar aos educandos à formação” necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, preparação para o trabalho e para o exercício consciente da cidadania (p.13), tanto para os alunos do primeiro grau (duração de oito anos de escolaridade obrigatória) quanto para os do segundo grau (duração de três anos) não obrigatório (1997, p. 13).

Em 20 de dezembro de 1996, passou a vigorar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96). Essa lei consolidou e ampliou o dever do poder público para com a educação básica em geral e particular. Assim, em seu art. 22, estabeleceu que a educação básica, da qual o ensino fundamental é parte integrante, deve assegurar a todos “a formação comum indispensável para o

exercício da cidadania e fornecer-lhes meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”, (BRASIL, 1997, p. 14). Fato que confere ao ensino fundamental, ao mesmo tempo, um caráter de terminal idade e de continuidade.

Para o ensino fundamental em geral, em sua seção III, Artigo 32, a LDB 9394/96) destaca como objetivos:

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Observa-se assim, que a legislação brasileira, partindo da Constituição Federal de 1988 no que se refere à educação básica define que o ensino fundamental seja oferecido de forma gratuita e democraticamente. Orienta ainda que o currículo deve se preocupar com a formação integral do educando, que tenha uma parte comum para toda e qualquer das regiões do país e outra parte diversificada, como vivenciam os participantes deste estudo.

1.2 - Alfabetização, letramento e atividades lúdicas

Para discutir o ensino dos alunos do 1º ano do ensino fundamental faz-se necessário trabalhar a alfabetização, o letramento por meio de atividades lúdicas. Segundo Ferreiro e Teberosky (1996),

A leitura e escrita são sistemas que podem ser paulatinamente construídos pelo aluno pequeno. As primeiras formas escritas feitas pelas crianças no início da aprendizagem devem ser consideradas como produções importantes, porque demonstram os seus esforços para representar algo (p.72).

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1996), toda produção escrita do aluno iniciante em processo de alfabetização deve ser considerada pelo professor, porque nesse momento, o aluno cria diversas e importantes hipóteses sobre a leitura e a escrita. Geralmente, essas hipóteses (escritas) não correspondem ao sistema de escrita convencional. As autoras destacam ainda que ninguém começa expressar

por escrito sua língua de forma totalmente correta. Portanto, é importante o professor valorizar até mesmo um rabisco feito pelo aluno que é uma forma de escrita, porque é importante para a aprendizagem dele. A língua escrita é importante porque proporciona ao aluno a compreensão e a expressão linguística.

Franco e Raizer (2006) chamam a nossa atenção quando diz que o processo de alfabetização da população brasileira, apesar de ter muitas falhas ainda, é também recente no Brasil. Isso ocorre por diversos motivos. Durante todas as histórias se observa que saber ler, escrever, interpretar e refletir era considerado símbolos de poder. Logo, quem ocupava níveis importantes da hierarquia não disponibilizava essa possibilidade os seus súditos. Assim, ocorreu também durante a Antiguidade Clássica, na Idade Média (na qual só os homens nobres e o clero eram letrados) essa condição só veio a ser modificada na Idade Moderna em que as classes mais baixas passaram a reivindicar seus direitos, entre eles, o direito à educação escolar.

A própria noção de cidadania foi modificada e aliada aos direitos políticos e civis no Brasil, a partir da Constituição de 1988 que definiu que todos os cidadãos eram iguais perante a sociedade. Com isso, a educação, a alfabetização na perspectiva do letramento se tornou uma oferta obrigatória por parte do Estado Brasileiro. Nesse sentido Mortatti (2006, p. 10 *apud* FRANCO; RAIZER 2006, p. 785) afirma que foi:

[...] introduzido no Brasil o pensamento construtivista sobre alfabetização, resultante das pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita desenvolvidas pela pesquisadora argentina Ferreiro e colaboradores. Deslocando o eixo das discussões dos métodos de ensino para o processo de aprendizagem da criança (sujeito cognoscente), o construtivismo se apresenta não como um método novo, mas como uma “revolução conceitual”, demandando, dentre outros aspectos, abandonarem-se as teorias e práticas tradicionais, desmetodizar-se o processo de alfabetização e se questionar a necessidade das cartilhas. Assim, a partir de 1980 inicia-se o quarto momento, caracterizado como “alfabetização: construtivismo e desmetodização (p. 10).

Há de se notar ainda que alfabetização e letramento são habilidades distintas, mas complementares, ou seja, nos dias de hoje não tem como a escola ensinar a tecnologia da leitura e escrita abrindo mão do trabalho pedagógico com o le-

tramento ou seja, deixar de trabalhar o uso da leitura e escrita na vida social. Sendo assim, o trabalho com letramento é muito mais que apenas ler e escrever. É, na verdade, uma atitude social e política. A pessoa que se alfabetiza:

[...] aprende a ler e a escrever e passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas social de leitura e de escrita – que se torna letrada – é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever – é analfabeta – ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e escrita – é alfabetizada, mas não é letrada, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita (SOARES, 2001, p.36, *apud* FRANCO; RAIZER, p. 787).

Soares (2001) afirma que a alfabetização pode ser compreendida como o processo pelo qual se adquire a tecnologia da escrita alfabética. Essa tecnologia envolve a aprendizagem das habilidades de ler e escrever, dos conhecimentos e das várias destrezas, como por exemplo, compreender o funcionamento do alfabeto, aprender convenções entre letra e som e dominar seu traçado, usando instrumentos como lápis, papel ou outros que os substituam.

1.3 - O que fazemos quando lemos e escrevemos?

De acordo com Freire (2002):

A leitura não se constitui em um ato solitário, nem em atividades individuais. O leitor é sempre parte de um grupo social, certamente, carregará para esse grupo elementos de sua leitura, do mesmo modo que a leitura trará vivências oriundas do social, de sua experiência prévia e individual do mundo e da vida. Para ensinar a criança ler, primeiro interagimos não propriamente com o texto, mas com as leituras visuais, que são constituídos de palavras (p.29).

O conceito de leitura na maior parte das vezes está relacionado com a decifração dos códigos linguísticos e sua aprendizagem. No entanto, não podemos deixar de levar em consideração o processo de formação social dos alunos, suas capacidades, sua cultura política e social (FREIRE, 2002, p. 57).

Nos pressupostos de Freire (1981), a leitura de mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Assim a leitura é uma maneira de atribuição frequente de significados, os quais necessitam ser

desvendados pela compreensão do indivíduo, pela sua subjetividade. Portanto, cada indivíduo lê o mundo, a partir de suas vivências passando a ter suas reflexões por meio de sua existência. Deste modo, a leitura de mundo vem antes da leitura das palavras, implicando em um despertar da curiosidade e da capacidade de observação da criança na infância, bem antes de ela ir para a escola. Dependendo primeiramente da família e mais tarde da escola.

Seguindo esse raciocínio, a prática de ler deve levar o indivíduo a uma relação densa com o mundo e, consigo mesmo (FREIRE, 2002). Assim, este poderá ser um leitor completo diante da sua realidade e diante do mundo, sendo atuante, crítico e criativo. Como afirma Silva (1984):

O ato de ler inicia-se quando um sujeito, através da sua percepção, toma consciência de documentos escritos existentes no mundo. Ao buscar a intencionalidade, o sujeito abre-se para possibilidades de significação, para as proposições de mundo que os signos do documento evocam ou sugerem (p.95).

Por ser a leitura uma atividade que desencadeia o desenvolvimento da comunicação e a relação dos sentimentos que o autor exprime e os sentimentos que esta desperta no leitor, o ato de ler só traz benefícios ao aprendizado da criança (FREIRE, 2002). Com isso merece destaque o trecho a seguir sobre o que é leitura? Extraído dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1999):

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas (p. 69-70).

De modo geral, pode-se dizer que a leitura está voltada para a interação e a compreensão dos leitores, que se realiza pela linguagem nas práticas existentes e também nos diversos grupos sociais situados historicos e socialmente. Pois, o homem se constitui pela leitura, sem a leitura não há pensamento e interpretação. Então, sabemos que a leitura não é somente a decodificação da escrita, mas, “um processo psicológico em que o leitor utiliza diversas estratégias baseadas no seu conhecimento linguístico, sociocultural” (BRASIL, 1999, p.69).

De acordo com Martins (2010), a leitura está relacionada não só a estes questionamentos, mas a inúmeros outros. “O ato de ler é representado por meio da escrita, do som, da arte, dos cheiros. Cada leitor possui uma experiência própria, cotidiana e pessoal, tornando a leitura única, incapaz de se repetir, e este é o seu grande encanto” (p.47). Por meio deste recurso fabuloso, conseguimos o total domínio da palavra, traçando idéias e conhecimentos, sendo possível entender o mundo que nos cerca e nos transforma e, ao nos transformar, abrimos nossas mentes para o desconhecido, passando assim a construir um mundo melhor para cada um de nós.

Por meio da leitura, na esteira de Martins (2010), resgatamos nossas lembranças mais especiais, que fazem parte da nossa cultura. “Essa cultura que nos foi dada tem como finalidade a formação de cidadãos críticos e conscientes de seus atos, porém essa cultura se dilui e se perde diariamente, e é este saber, esta cultura que precisa ser recuperada”(MARTINS, 2010, p. 49).

A complexidade da formação do leitor, do gosto pela leitura coloca de maneira imperativa o lugar da escola na constituição desse sujeito leitor. Para formar o leitor, além de dar o acesso do aluno ao livro na escola, deve oferecer aos alunos oportunidades prazerosas de interação linguística, o aluno deve ter contato também com outros portadores de texto como jornais, revistas, etc. De acordo com Martins (2010) “para que os alunos possam aprender a interagir com a língua escrita de maneira eficaz, aprender escolher o livro certo para aquela determinada idade ou fase, torna-se fundamental” (p.54).

Sendo assim, a metodologia lúdica oportuniza ao professor a buscar um desenvolvimento global e uma visão de mundo mais real para o aluno. Por meio da criatividade do professor, o aluno pode se expressar, analisar, criticar e interagir com a realidade. Se bem aplicada e com uma didática adequada, a prática pedagógica lúdica poderá contribuir para a melhoria do ensino, quer na aprendizagem ou formação crítica do aluno, quer para redefinir conhecimentos.

1.4 - A construção do conceito de alfabetização e letramento no Brasil

A invenção do conceito de letramento no Brasil foi iniciada por volta dos anos de 1980. Nesta década, com o processo histórico da democratização do país, os sistemas de educação começaram a dar mais atenção aos questionamentos sobre

os alarmantes índices de alfabetização no Brasil. O analfabetismo era visto como uma marca de vergonha nacional e internacional (SOARES, 2003).

Nos países desenvolvidos existiam problemas em relação à aprendizagem e práticas sociais de leitura e escrita. Havia pessoas mesmo alfabetizadas que não tinham o hábito de ler e escrever. Entretanto, o problema no Brasil era mais complexo, pois aqui passava inicialmente pela oferta de vagas em escolas. Soares (2013) “defende que as pessoas precisam ler e escrever para adquirir mais conhecimentos para que suas participações sociais sejam mais efetivas” (p. 6). Além disso, elas precisam ser ainda competentes em relação ao uso da leitura e escrita nas comunidades em que estão inseridas.

No Brasil, a alfabetização é vista como um momento muito importante e necessário para o aprendizado da leitura e da escrita. E ao mesmo tempo não pode limitar-se à alfabetização. É necessário chegar ao letramento que demanda a aquisição de estratégias e usos das práticas de leitura e escrita em sua vida. Com isso, os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam se superpõem e frequentemente se confundem.

Soares (2003) diz que para se conhecer melhor os processos de alfabetização vivenciados no Brasil, o professor deve verificar a evolução do conceito de alfabetização até os nossos dias, pois o conceito que vigorou até o Censo de 1940 de uma pessoa considerada alfabetizada era aquela “(...) que declarasse que sabia ler e escrever, o que era interpretado como capacidade de escrever o próprio nome (...)” (SOARES, 2013, p. 7).

Passados muito anos, em 1991, a folha de S. Paulo, ao divulgar resultados do Censo, realizado naquele ano declarou que apenas 18% da população era analfabeta, e acrescentou ainda que “o número de pessoas desqualificadas era muito maior”. Desqualificadas eram nomeadas aquelas pessoas que embora declarassem saber ler e escrever um bilhete simples, não conseguia compreender o que liam ou escreviam. Essas pessoas são chamadas nos dias de hoje de analfabetos funcionais. Neste sentido, no Brasil, a discussão do letramento surge sempre enraizada ao conceito de alfabetização, por essa relação de pessoas analfabetas e alfabetizadas funcionalmente.

Para compreender o conceito de alfabetização e de letramento, temos de verificar que um completa o outro. Como define Soares (2003, p.24): “tomando-se a

palavra em seu sentido próprio como o processo de aquisição da tecnologia da escrita isto é, do conjunto de técnicas, procedimentos, habilidades, necessárias para a prática da leitura e da escrita”.

E o letramento, Soares (2003) define como: “(...) o desenvolvimento de competências, habilidades, conhecimentos, atitudes de uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvem a língua escrita, a isso se chama letramento” (p. 24). Para compreender o letramento em nossa vida como uma prática social pode pensar nas habilidades que adquirimos do nascimento até ir à escola e no processo de escolarização em que aprimorar nosso aprendizado, e passamos a viver utilizando a leitura e escrita no dia a dia, como por exemplo, ler um livro, contar uma história interessante que prenda a atenção do leitor. Essa leitura faz com que o leitor expresse sua opinião crítica ou façam comentários com um colega ou até mesmo com os membros da família. No processo de alfabetização, o aluno aprende a ler e a escrever na escola com a prática pedagógica da professora e da interação com os outros colegas, conforme defende Vygotsky (1998).

1.4.1 A desinvenção da alfabetização

Nas escolas brasileiras, o fracasso da aprendizagem é tão reiterado e amplamente denunciado há muitas décadas. É verdade que não se denuncia um fato novo:

Fracasso em alfabetização nas escolas brasileiras vem ocorrendo insistentemente há muitas décadas; hoje, porém, esse fracasso configura-se de forma inusitada. Anteriormente ele se revelava em avaliações internas à escola, sempre concentrado na etapa inicial do ensino fundamental, traduzindo-se em altos índices de reprovação, repetência, evasão (SOARES, 2003, p.9).

Certamente essa perda de especificidade da alfabetização é fator explicativo evidentemente, não o único, mas talvez um dos mais relevantes do atual fracasso na aprendizagem e, portanto, também no ensino da língua escrita nas escolas brasileiras, fracasso hoje tão reiterado e amplamente denunciado (SOARES, 2003).

Apesar das críticas às avaliações externas, não podemos deixar de considerar que o fracasso escolar é explicitado na maioria das vezes, quando os

resultados das avaliações externas das escolas são divulgados nas avaliações estaduais (como o SARESP e o SIMAVE), nacionais (como o SAEB, o ENEM) e as internacionais (como o PISA), entre outras desenvolvidas em outros estados.

Observamos que a falta de aprendizagem dos alunos vai ocorrendo ao longo de todo o ensino fundamental, chegando até o ensino médio, e “se traduz em altos índices de precário ou nulo desempenho em provas de leitura, denunciando os grandes contingentes de alunos não alfabetizados ou pouco alfabetizados depois de quatro, seis, oito anos de escolarização” (SOARES, 2003, p.10).

Ainda de acordo com Soares (2003) por conta desse processo:

A alfabetização, como processo de aquisição do sistema convencional da escrita alfabética e ortográfica, foi, assim, de certa forma obscurecida pelo letramento, porque este acabou por frequentemente prevalecer sobre aquela, que, como consequência, perde sua especificidade (p. 11).

No meu entendimento, estudar conceitos de alfabetização e letramento, podemos perceber que os dois são diferentes, mas têm de ser trabalhados na escola de forma que o aluno aprenda a lidar com as aprendizagens necessárias na vida e não apenas para ser aprovado naquele ano SOARES (2003) define que alfabetização e letramento:

(...) são dois conceitos com dimensões diferentes ou facetas, a natureza de cada uma delas demanda uma metodologia diferente, de modo que a aprendizagem inicial da língua escrita exige múltiplas estratégias, algumas caracterizadas por ensino direto, explícito e sistemático e a alfabetização, em suas diferentes facetas outras caracterizadas por ensino incidental, indireto e subordinado a possibilidades e motivações das crianças(p. 16).

Há, portanto, a necessidade de reformulações na formação dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental, de modo a torná-los capazes de enfrentar o grave e reiterado fracasso escolar na aprendizagem inicial da língua escrita nas escolas brasileiras (SOARES, 2003). Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa (1997),

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se

comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento (p. 21).

O fato é que nos espaços coletivos que exigem, entre outras coisas, o uso da língua escrita, existe uma série de regras partilhadas/monitoradas de utilização do português, que deverão plenamente conhecidas pelos alunos que sai da escola.

A manipulação adequada dos códigos linguísticos, do vocabulário corrente e da gramática são uma das exigências das Diretrizes Curriculares Nacionais (2013)é :

garantir a inserção do aprendiz em alguns espaços formais como a universidade e o mercado de trabalho. Nesse contexto, cabe a escola fornecer às crianças os instrumentos e recursos (físicos e simbólicos) necessários à sua aprendizagem, para que adquiram gosto pela leitura e a partir daí possam construir suas próprias produções e compreender a estrutura e funcionamento de sua língua materna (p. 12).

Na concepção de Ferreiro (2012), a alfabetização é “aquisição de habilidades que possibilitam as pratica de leitura e escrita”(p.18). Apropriação da tecnologia de codificar decodificar. Capacidade de identificar as letras do alfabeto e associá-las aos fonemas as silaba e as palavras.

Na concepção de Soares (2012), “o letramento é a condição de quem não só lê e escreve, mas, exerce práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive,articulando-as ou dissociando-as das práticas sociais de interação oral” (p.18).

Devemos propiciar aos alunos na escola práticas de leitura e escrita que desenvolvam a imaginação, a fantasia, a reflexão e a crítica. Soares (2012) diz que:

(...) essas práticas devem mobilizar o diálogo dos alunos com a pluralidade de produções, com diferentes aos autores e aos modos de expressão, e encorajá-los a brincar com as palavras, a buscar novos sentidos, novas combinações e novas emoções (p. 52).

Uma criança desde quando nasce já começa a conviver com a linguagem oral, e com isso ela começa participar de diferentes situações de interação social. Essa aprendizagem ajuda muito no desenvolvimento infantil, pois quanto chega ao ensino fundamental já conseguem interagir com autonomia com seus colegas e

adultos. “Com a linguagem oral e as crianças começam a observar a escrita em diferentes suportes, nessas experiências culturais com a prática de leitura e escrita, mediada muitas vezes pela oralidade, meninos e meninas vão se constituindo como sujeito letrado” (SOARES 2012, p. 69-70).

Neste sentido, Morais e Albuquerque (2004) afirmam que nos dias de hoje:

As crianças que vivem em ambientes ricos em experiências de leitura e escrita, não só se motivam para ler e escrever, mas começam, desde cedo, a refletir sobre as características dos diferentes textos que circulam ao seu redor, sobre seus estilos, usos e finalidades (p.70).

Já o letramento relaciona-se ao exercício efetivo e competente daquela tecnologia da escrita, nas situações em que precisamos ler e produzir textos reais. Soares (2004) afirma que “alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita” (p.47).

Estudos realizados em diversos países mostraram que:

(...) meninos e meninas que desde cedo escutam histórias lidas e/ou contadas por adultos ou que brincam de ler e escrever (quando ainda não dominaram o sistema de escrita alfabética) adquire um conhecimento sobre a linguagem escrita e sobre os usos dos diferentes gêneros textuais, antes mesmo de estarem alfabetizadas (TEBEROSKY, 1995, p.73)

Fica claro que alfabetização e letramento são dois processos distintos, porém complementares, conforme explica Soares o ideal é realmente ensinar a ler e escrever através da prática da leitura e da escrita. Por isso que o hábito de escutar histórias auxilia muito no processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

1.5. Processo de alfabetização e letramento e a ludicidade

O lúdico, no ensino fundamental, pode oferecer aos alunos a possibilidade de aprender com mais facilidade. Para alfabetizar os alunos no 1º ano do ensino fundamental, o professor deve usar estratégias que despertem a vontade deles para aprender. As atividades lúdicas são instrumentos pedagógicos que podem se tornar importantes recursos, tais como: jogos de palavras, de memória e jogos de quebra-cabeça, pescaria com palavras para ler e escrever, contação de histórias entre

outras. Com isso, o aluno pode ir ampliando seus conhecimentos prévios e interagindo com os colegas e a aprendizagem pode se tornar interessante para ele e toda a turma.

Com as atividades lúdicas, como por exemplo, contar histórias infantis, o aluno pode aprender a socializar, conhecer, aprender a ler e escrever, conseqüentemente passará a gostar das histórias, interessando-se também em escrever os nomes dos personagens dos textos lidos. Dessa forma, o professor pode conhecer o processo de aquisição da língua escrita pelas crianças. Sabe-se que a leitura espontânea é interessante e mais abrangente que a comunicação, quando são crianças para apropriar-se da língua escrita. A alfabetização e o letramento, nos dias de hoje, podem ser trabalhados junto com a leitura, considerando que o trabalho com “a língua escrita não é apenas a representação da língua falada, mas um sistema mais sistematizado de um código uniforme, uma vez que não conta com o jogo de expressão ou tom de voz do falante”(MARTINS, 2010, p. 67).

Luckesi (2004) acredita que a ludicidade se expande para além da ideia de lazer restrito às experiências externas, para ele:

[...] quando estamos definindo ludicidade como um estado de consciência, onde se dá uma experiência em estado de plenitude, não estamos falando, em si das atividades objetivas que podem ser descritas sociológica e culturalmente como atividade lúdica, como jogos ou coisas semelhantes (p.17).

O autor se aprofunda nesta questão e explica melhor:

Mesmo quando o sujeito está vivenciando essa experiência com outros, a ludicidade é interna; a partilha e a convivência poderão oferecer-lhe, e certamente oferecem sensações de prazer da convivência, mas, ainda assim, essa sensação é interna de cada um, ainda que o grupo possa harmonizar-se nessa sensação comum; porém um grupo, como grupo, não sente, mas soma e engloba um sentimento que se torna comum; porém, em última instância, quem sente é o Sujeito (LUCKESI, 2004, p.18).

Na visão do autor acima é possível constatar que o lúdico, no ensino fundamental, pode ajudar os alunos no processo da alfabetização e letramento, porque desenvolve o processo de ensino-aprendizagem. De acordo com: Piaget (1998) e Vygotsky (1989) que consideram o lúdico uma ferramenta necessária para

o desenvolvimento infantil. Sobre isto, Queiroz (2006, p.26) *apud* Kishimoto (2003) afirma que:

[...] é importante compreender o jogo, o brinquedo e a brincadeira como atividades que promovem mudanças significativas no desenvolvimento infantil e não apenas como um elemento presente no cotidiano das crianças (p. 26).

Essas atividades devem ser desenvolvidas durante a prática pedagógica para que o aluno aprenda que o lúdico pode ajudar na aprendizagem dos conteúdos escolares, e pode fazer com que ele cresça no sentido de aprender a ler e escrever. O lúdico pode ajudar o aluno a adquirir novos conhecimentos por meio do desenvolvimento cognitivo, afetivo e também pessoal, social e cultural, pois trabalha o processo de socialização e também da comunicação.

1.5.1 – As atividades lúdicas articuladas ao processo de ensino-aprendizagem

É essencial para este estudo analisar a importância do lúdico como recurso de ensino e aprendizagem. E para começar aponto que os termos “ensinar” e “transmitir” não são sinônimos, embora, por muito tempo foram vistos como tal, pois no ensino tradicional o aluno era um mero receptáculo do que o professor transmitia e este, muitas vezes, não estava capacitado para ensinar.

Por muito tempo a escola foi vista apenas como o lugar, no qual os professores ensinavam e os alunos apenas memorizavam ou decoravam, mas para Canário (1997) esta é uma ideia equivocada, pois para o autor, o professor não é um simples transmissor de informações, mas um mediador. Uma das dimensões “[...]essenciais do trabalho do professor é a de ser, mais do que um transmissor de informação, mas um ‘construtor de sentido” (CANÁRIO, 1997, p. 22).

Nesse sentido, Canário (1997) explica ainda que o sistema de ensino brasileiro possui como tradição o conformismo, Isto é, a educação escolar segue a premissa que deve apenas ensinar conteúdos e não preparar as crianças e os jovens para pensar. Nesse contexto encontramos os educadores, “e cabe a ele mostrar aos alunos que as teorias que existem não devem ser-lhes impostas, e sim mostradas como fatos parciais da história de toda a humanidade”(CANÁRIO, 1997, p. 22).

Além disso, ainda segundo Canário (1997) “é preciso pontuar que o método de ensino da escola precisa ser elaborado a partir do nível de desenvolvimento real da criança, para, em seguida a escola estabelecer objetivos adequados à faixa etária e ao nível de conhecimentos que cada criança possui” (p.23).

É nesse momento que os recursos lúdicos devem ser acionados, uma vez que o uso de recursos como: músicas, jogos, histórias, ilustrações pareçam uma contradição em relação ao papel formal da escola, pode ser utilizado em sala de aula como ferramenta pedagógica, mas exige certo preparo do professor e uma capacidade e disponibilidade para brincar (PEDROZA, 2005).

Nesse sentido, Pedroza (2005) afirma que o professor deve desenvolver sua habilidade para brincar. Nas palavras da autora: “a criação desse espaço da brincadeira, no qual a relação professor aluno se diferencia daquela da sala de aula, necessita de um aprendizado de ambas as partes” (p. 2).

No entanto, no que se refere ao preparo do professor, Lima (1991) afirma:

A ação do educador deve ser, antes de tudo, refletida, planejada e, uma vez executada, avaliada. [...]a tarefa de alimentar o imaginário infantil, de forma que as atividades das crianças se enriqueçam, tornando-se mais complexas (pelas relações que se vão estabelecendo)(p. 29).

Lima (1991) ressalta a importância de o professor observar as brincadeiras e as inter-relações que ocorrem entre as crianças durante a realização de suas atividades para aprender bastante sobre seus interesses, além de “[...] perceber o nível de realização em que elas se encontram suas possibilidades de interação, sua habilidade para conduzir-se de acordo com as regras do jogo, assim como suas experiências do cotidiano” (LIMA, 1991, p. 29).

E por fim, Lima (1991) ressalta ainda que o uso da brincadeira na escola “não pode ser considerado como uma atividade complementar as outras denominadas pedagógicas, mas sim uma atividade fundamental para a construção de sua identidade cultural e seu desenvolvimento cognitivo” (p. 29).

CAPÍTULO II

METODOLOGIA DE PESQUISA

O presente capítulo tem como objetivo descrever a abordagem de pesquisa qualitativa, que parte de um grupo pequeno de participantes a partir de um recorte temático, estando o pesquisador próximo do objeto de estudo.

Segundo Prodanov (2013),

As pesquisas científicas são definidas perante a natureza, o método e os objetivos. Estas se caracterizam por método de pesquisa o hipotético-dedutivo, de forma que para sua elaboração, em princípio, elegem problemas de pesquisas, a partir de lacunas acerca do tema delimitado (p.13).

Para definir os procedimentos de pesquisa de campo em princípio, recorria o tema da monografia, especificando um fenômeno a ser estudado. Optei, aqui, pela abordagem qualitativa, utilizando como instrumentos para a coleta de dados, a observação na sala de aula e a entrevista semiestruturada com as duas professoras para compreender o objeto pesquisado.

Do ponto de vista de sua natureza, a pesquisa qualitativa partiu da observação em duas turmas de alunos ou mais que pode ou não servir de modelo para ações e pesquisas posteriores. Quanto aos objetivos, pode ser tanto descritiva quanto explicativa, a pesquisa descritiva é a análise, o registro e a interpretação dos fatos, e a pesquisa explicativa envolve a síntese, fatos, analisar, interpretar, e traz uma reflexão mais detalhada com relação aos teóricos onde busca um objetivo de estudo. Quanto à técnica, pode ser bibliográfica, com base em artigos científicos, trabalhos teóricos, livros, entre outras fontes ou de pesquisa de campo, como este estudo, no qual procurei uma escola, um grupo de participantes, utilizando alguns instrumentos para recolher os dados e estudar o objeto de pesquisa.

2.1- Contextos de pesquisa

A escola, na qual realizei a presente pesquisa de campo, é municipal e pública localizada na cidade de Goiás, na zona urbana. Essa escola já funciona há

mais de 20 anos, atendendo aproximadamente 200 alunos da educação infantil (maternal) ao ensino fundamental (1º ao 5ºano) nos turnos matutino e vespertino com o apoio de 23 funcionários.

A autorização e a Resolução nº 136 de 02/03/2005 legitimaram o funcionamento da educação infantil, com crianças de 03 e 05 anos de idade, distribuída no Agrupamento III, Agrupamento IV e Agrupamento V. Essa autorização foi alterada pela Lei de Autorização e Resolução CME/GO nº 008 de 09 de fevereiro de 2012, que regulamentou a educação infantil (Agrupamento III, Agrupamento IV e Agrupamento V) e o ensino fundamental nos anos iniciais (1º ao 5º ano). O corpo docente era constituído em sua maioria por professores do quadro efetivo que possuía formação em nível superior e eram comprometidos com o sucesso escolar dos alunos e da Unidade Escolar.

Escolhi essa escola porque já tinha desenvolvido outros projetos obrigatórios solicitados pelo curso, como por exemplo, Projeto IV – Estágio Supervisionado, além de ter trabalhado como professora substituta. A escola funciona em um prédio alugado, mas foi todo adaptado para receber os alunos. A escola é grande com várias salas, mas onde acontece o trabalho pedagógico é pequeno, não têm como as professoras desenvolverem atividades lúdicas (brincar, dançar, entre outros). Nas salas de aula, cabem apenas a mesa da professora, as carteiras dos alunos e um filtro, tudo bem apertado. Cada sala tem uma decoração que faz do espaço um lugar aconchegante de acordo com a faixa etária do aluno.

Há na escola, uma sala de descanso que é também apertada sem ventilação e funciona, ainda, a biblioteca, a sala de vídeo e tem um banheiro que é usado pelos funcionários. Quando os alunos vão assistir vídeos, por exemplo, ficam todos agitados por causa do calor. Assim as atividades se tornam cansativas e pouco produtivas.

Na escola existem banheiros pequenos e sem as adaptações necessárias para os alunos. Não possui parque ou qualquer outro brinquedo, apesar da existência de um grande espaço para o recreio e a sombra é apenas de um pé de caju e o resto é livre, mas com sol. Não tem quadra de esporte e nem auditório. A sala dos professores funciona junto com a coordenação pedagógica e a sala de direção é também junta com a da secretaria. Há uma cantina, na qual a merendeira recebe orientação de uma nutricionista para o preparo dos alimentos.

A Escola vem recebendo alunos com deficiências, bem como de certa forma foi uma conquista, pois apesar do espaço físico inadequado, consegui fazer um trabalho magnífico com os alunos no Projeto IV. “No ano de 2013, foram atendidos quatro alunos, sendo dois com síndrome de *down*, um cadeirante e o outro com deficiências múltiplas”. Desses alunos, três cursam o ensino fundamental e um, a educação infantil. Ressaltamos que todos eles têm laudo que comprovaram suas deficiências.

Defendemos que o espaço escolar deve ser acolhedor e prazeroso para os alunos e suas famílias. Por isso, os alunos devem brincar criar e recriar suas brincadeiras e estabelecerem relações entre o mundo e as pessoas. Com isso, uma instituição de ensino deve ser bem estruturada para desenvolver as habilidades físicas, intelectuais e morais dos alunos. O espaço acolhedor pode transformar o processo de aprender em estimulador, motivador, para que o processo de escolarização possa refletir sobre o desenvolvimento e aprendizado dos alunos.

Em princípio é o plano global da escola, sendo como meio de comunicação expressão, articulação de interesses, objetivos, inspirações, sentimentos. É um instrumento teórico-metodológico que expressa às opções da escola na proposta de ação para concretizar o que se propõe a partir do que se quer colocar em prática do que foi projetado.

Cada professor tem seu caderno de planejamento, cada um compõe seus elementos constitutivos, seguindo um roteiro de organização da rotina escolar como: acolhida, oração; música; história; conteúdos; objetivos; metodologia e atividades.

O calendário da Escola é um instrumento normativo no qual são estabelecidos os dias letivos a serem cumpridos e devem conter no mínimo 200 dias letivos e os períodos destinados às atividades a serem desenvolvidas, objetivando o cumprimento do Projeto político pedagógico, do PDE, do Currículo Pleno e do Regimento Escolar. No calendário estão presentes as datas das reuniões dos conselhos de classe, dos trabalhos coletivos, dos feriados municipais e nacionais; do início e término do ano letivo.

O calendário foi elaborado pela equipe da Secretaria Municipal e juntamente com a equipe educacional da escola. Para o ensino fundamental são asseguradas 04 (quatro) horas de trabalhos efetivos na sala de aula e a carga horária mínima de 1000 (mil) horas de efetivo trabalho escolar.

O diário de classe é um instrumento de registro da avaliação e do acompanhamento do processo ensino-aprendizagem e todas as turmas fazem o uso desse documento de registro diariamente.

A avaliação no ensino fundamental ocorre através de duas atividades avaliativas por semestres e várias atividades complementares que permite a avaliação diagnóstica e acompanhamento do desenvolvimento da escrita e possibilita intervenções pedagógicas no processo de ensino aprendizagem.

Por sua vez, a avaliação na educação infantil ocorre mediante o acompanhamento e o registro do desenvolvimento da criança, sem o objetivo de promoção caracteriza-se como um processo planejado que, enquanto amplia o olhar sobre a criança em suas manifestações diversas e singulares, se fundamenta em premissas teóricas sobre o desenvolvimento infantil e define objetivos para a ação pedagógica (re) orientando o planejamento do trabalho docente. O registro do acompanhamento do desenvolvimento da criança será entregue aos pais ou responsável quatro vezes ao ano (nos plantões pedagógicos.) e arquivados na secretaria da Unidade de Ensino.

São realizadas de acordo com o planejamento prévio de cada atividade por meio de murais, datas comemorativas, ações integradoras, tarde culturais, Feira de Ciências, Projeto de Leitura: Murucutuzinho integrado ao Projeto Cidade Leitora, Escola e Pais, *Buylling*, Acolhida, PROERD, Projeto Agrinho, Projeto Hino Nacional e Escola/Comunidade.

Programas contemplados pela unidade escolar: o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), vinculado ao MEC; Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) e Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

O PDDE tem por finalidade prestar assistência financeira, em caráter suplementar, às escolas públicas da educação básica das redes estaduais, municipais e do Distrito Federal e às escolas privadas de educação especial mantidas por entidades sem fins lucrativos, registradas no Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) como beneficente de assistência social, ou outras similares de atendimento direto e gratuito ao público. O PDDE engloba, ainda, várias ações e objetiva a melhoria da infraestrutura física e pedagógica das escolas e o reforço da autogestão escolar nos planos financeiro, administrativo e didático, contribuindo para elevar os índices de desempenho da educação básica.

Já o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) tem como principal objetivo subsidiar o trabalho pedagógico dos professores por meio da distribuição de livros didáticos aos alunos da educação básica. Após a avaliação das obras, o Ministério da Educação (MEC) publica o Guia de Livros Didáticos com resenhas das coleções consideradas aprovadas. O guia é encaminhado às escolas, as quais escolhem, entre os títulos disponíveis, aqueles que melhor atendem ao seu projeto político pedagógico.

A instituição escolar desenvolve o ensino e aprendizagem com Projetos e atividades, envolvendo datas comemorativas seguindo os Parâmetros Curriculares Nacionais para cada modalidade e/ou nível, Educação Infantil (3 a 5 anos de idade) e ensino fundamental (6 a 9 anos de idade).

Depois de tudo o que foi explicitado até o momento, isto é, o processo de ensino e aprendizagem que possibilitou tal pesquisa, que se encontra no referencial teórico, as bases teóricas e fundamentam as observações na escola campo, bem como a metodologia de pesquisa e a caracterização da referida instituição, espaço do tema abordado, o próximo capítulo se destina à discussão e análise dos resultados da pesquisa.

Além disso, ressalto, também, o uso de instrumentos teórico-metodológicos que expressam às opções da escola na proposta pedagógica para concretizar o que se propõe a partir do que se quer colocar em prática e que foi projetado, tais como: caças palavras e quebras cabeça. Esses recursos foram pensados de forma democrática pelas professoras. A escola segue algumas matrizes pedagógicas que norteiam a prática pedagógica e as vivências fundamentais no processo de humanização das pessoas, eram chamados, também, de educação.

A Escola na qual foi realizada esta pesquisa, assim como todas as demais escolas municipais possuem o apoio e a parceria com o Centro de Referência e Assistência Social – CRAIS. Esse órgão oferece os psicólogos, assistentes sociais e outros serviços de referência, no qual a criança que precisa de ajuda recebe assistência necessária.

Os alunos não tinham atendimento dentário na escola, mas eram atendidos gratuitamente nos postos de saúde da cidade. O Conselho escolar é um órgão colegiado de natureza deliberativa, consultiva, avaliativa e fiscalizadora sobre a organização e a realização do trabalho pedagógico e administrativo do

estabelecimento de ensino, em conformidade com a legislação educacional vigente e orientações da Secretaria Municipal de Educação e do Conselho Municipal de Educação.

Cabe ao Conselho Escolar zelar pela manutenção da escola e participar da gestão administrativa, pedagógica e financeira, contribuindo com as ações dirigentes escolares a fim de assegurar a qualidade de ensino. O conselho de classe é um colegiado de natureza deliberativa e consultiva em assuntos didático-pedagógicos, devendo avaliar o processo de desenvolvimento da aprendizagem de todos os alunos de cada turma, tomando as medidas necessárias, quando as decisões que lhe são inerentes. Ao final de cada semestre, o Conselho de Classe realiza o debate sobre o processo pedagógico, ensino, aprendizagem e avaliação dessa aprendizagem e recuperação paralela, promovendo mudanças e adaptações necessárias ao seu aprimoramento.

O Conselho de classe foi considerado atividade de efetivo trabalho escolar integrante dos dias letivos constantes no calendário. Positivos: o objetivo geral da escola é proporcionar ao educando a formação necessária para o desenvolvimento de suas potencialidades, como elemento de auto realização, preparação para o trabalho e o exercício da cidadania. E as dificuldades são as salas pequenas que não comporta a quantidade de alunos e com isso atrapalha porque deixa de matricular muitos alunos que procura a instituição.

2.2 Participantes da Pesquisa

Os participantes desta pesquisa foram duas professoras, sendo uma do turno matutino e a outra, do vespertino. A turma do matutino tem 13 alunos, sendo oito meninos e cinco meninas. Já a turma do turno vespertino tem 15 alunos, sendo seis meninas e nove meninos. Todos são frequentes à escola e só faltam quando estão doentes. Os alunos começam a chegar às 7h00 horas e os dos vespertinos, as 12h30 minutos trazidos, geralmente, pelos pais ou por transportes escolares (vans) e são entregues à escola, os quais são recebidos pela professora da turma, os alunos têm seis e sete anos.

Os alunos são de classe média baixa. Em conversa com os alunos, a maioria deles convive apenas com as mães e vêem os pais, de vez em quando, porque são separados. Alguns pais têm o ensino fundamental incompleto.

As professoras são pontuais e os alunos chegam também no horário só um ou dois chegam mais tarde, mas a tolerância é até 7h30min no turno matutino e até 13h30, no vespertino.

Conversando informalmente com as professoras, elas disseram que vão ficar em sala de aula até aposentar, pois ser professoras é uma atividade que as deixam muito feliz, especialmente, quando seus alunos começam a ler e escrever. Elas acreditam que, nesta fase, os alunos começam a aprender e a desenvolver muitos sentidos e a professora é a mediadora e está sempre buscando fazer um trabalho de acordo com cada etapa do aluno.

As professoras participantes do estudo têm 40 anos (A) e 42 anos de idade (B) respectivamente. São pedagogas com larga experiência em magistério, sendo que a professora A atua há 15 anos e a professora B há 12 anos. Destes anos, a professora A dedicou-se nove anos à alfabetização e Professora B, três anos consecutiva nesse nível.

2.3 Instrumentos utilizados na coleta de dados

Para desenvolver esta pesquisa, foram utilizados os seguintes instrumentos de coleta de dados: entrevista semiestruturada com as professoras e as observações em sala de aula e a análise documental do Projeto Político Pedagógico.

CAPÍTULO III

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O presente capítulo explicita a análise dados recolhidos por meio das observações em sala de aula e entrevistas semiestruturada com as professoras participantes deste estudo, que relataram suas experiências e conhecimentos sobre suas práticas pedagógicas em sala de aula, com foco no processo de alfabetização, letramento e atividades lúdicas.

O quadro1 a seguir descreve o discurso das professoras A e B participantes deste estudo, a partir da entrevista semiestruturada. Foi possível constatar que a professora A tem quinze anos de experiência de magistério e nove com classes em processo de alfabetização. Apesar de sua larga experiência, seu discurso não está em sintonia com o dos autores trabalhados no referencial teórico no que se refere ao conceito de alfabetização, letramento e ludicidade. No entanto, já professora B se aproxima um pouco mais à perspectiva de alfabetização e letramento.

Quadro 1 – Resultados das entrevistas com as professoras

1. Desenvolvimento da prática pedagógica com os alunos
<p>Professora A</p> <p>Primeiramente manter a disciplina e respeito através dos projetos, planejar as atividades que interliga a aprendizagem e o lúdico, transmitindo atenção e carinho para os alunos.</p>
<p>Professora B</p> <p>A minha prática é voltada para o lúdico por meio de estratégia que envolve a contação de histórias, jogos variados voltados para o processo de alfabetização, como alfabeto móvel, jogos dos nomes e da memória. Além de trabalhar a produção da leitura e da escrita por meio de imagens, jogos e filmes.</p>

2. Atividades que usam para alfabetizar seus alunos e dão mais certo

Professora A

Atividades que interligam o lúdico com o currículo, juntamente com a harmonia em sala de aula contribuem para alcançar os objetivos da alfabetização.

Professora B

As atividades que produzem mais resultados são as produções escritas por meio das imagens, obtidos nas contação de história, porque o aluno tenta reproduzir na escrita aquilo que vivencia ou imagina.

3. Estratégias da leitura e escrita com seus alunos

Professora A

Desenvolvo de maneira dinâmica na qual os envolvo na história e através das contação de histórias, estímulo-os a compartilhar suas leituras em sala e em casa.

Professora B

As leituras e a escrita são desenvolvidas de acordo com o contexto de vida dos educandos, ou seja, as atividades são elaboradas para que o aluno interaja com o ambiente que o cerca, respeitando a heterogeneidade, criando limites e usando o lúdico como ferramenta de interação.

4. Facilidades e dificuldades vivenciadas para alfabetizar os seus alunos?

Professora A

Alfabetizar não é fácil, pois são vários agentes que intervêm na aprendizagem, por isso, que vejo a dedicação e o uso de atividades que estimulem os alunos a se desenvolverem. As dificuldades se apresentam na maturidade, crises familiares dificuldades de aprendizagem, entre outros, não descartando o quesito do emocional da criança que é primordial.

Professora B

O processo de alfabetização é complicado, demanda tempo, dedicação e esforço tanto por parte dos alunos, quanto por parte dos professores. Então lançar mão de recursos e atividades que estimulem os alunos a participar mais das aulas e aprender é fundamental.

5. Sugestões para professores iniciantes com classes de alfabetização?

Professora A

Cada professora tem uma personalidade em sua execução, mas para que realizem a prática de ensino com atenção e carinho de forma que utilizem o sócio construtivismo para alcançar o êxito ao alfabetizar.

Professora B

Eu diria que o educador iniciante precisa primeiramente fazer um diagnóstico sobre o nível de aprendizagem da turma e em seguida trabalhar com atividades que visem uma aprendizagem significativa com contextos que estimulem o gosto e o prazer pela leitura e produção da escrita.

Fonte: entrevistas realizadas pela pesquisadora para esta pesquisa (2015).

De um modo geral, os relatos da professora A não condizem com o discurso dos autores apresentados no referencial teórico em relação ao conceito de alfabetização, letramento e ludicidade, pois, essa professora diz que alfabetização e letramento não são vistas como habilidades distintas. Isto é, o trabalho com letramento é muito mais que ler e escrever, mas a professora fala como se tratasse da mesma coisa. A verdade é que letramento consiste em resultado da ação de usar essas habilidades em práticas sociais.

Saliento que, conforme dito anteriormente, Soares (2003) define o letramento como: “(...) o desenvolvimento de competências, habilidades, conhecimentos, atitudes de uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvem a língua escrita” (p. 24). Em outras palavras para a autora só desenvolvemos nossa linguagem escrita através do desenvolvimento de habilidades e competências dessa ciência em práticas sociais, ou melhor, em práticas cotidianas.

Os relatos da professora B coadunam com os autores trabalhados no referencial teórico, uma vez que ela menciona a interação da aprendizagem significativa voltada para o processo da ludicidade por meio de variadas ferramentas que visam uma aprendizagem prazerosa. Isso fica claro quando a professora afirma, por exemplo, que o professor que está começando precisa antes de tudo fazer um reconhecimento sobre o nível de aprendizagem da classe e a partir disso desenvolver atividades que visem uma aprendizagem significativa com contextos que estimulem o gosto e o prazer pela leitura e produção da escrita.

Com base nas entrevistas realizadas na pesquisa de campo, a alfabetização e o letramento, utilizando o lúdico, as professoras informaram que muitos alunos não tinham a prática de ler ou de escrever em suas casas, porque não tinham o incentivo da família. Mas na escola, os alunos tinham contato com esse material (livros, cadernos) e eram incentivados a ler pela professora A que buscava trazer os alunos para mais perto dela, e realizava acompanhamento individual e coletivo.

A partir das observações em sala de aula pode constatar que as práticas pedagógicas deviam ser variadas, intercalando o lúdico e o conhecimento cognitivo e social, propiciando a interação professor/aluno para alcançar os objetivos da alfabetização e letramento, utilizando os procedimentos construtivistas para auxiliar em sua formação.

Neste sentido, Ferreiro (2012) e Piaget (1998) têm pensamentos, mais específico em relação à alfabetização e ao lúdico, os quais podem ajudar os alunos dos anos iniciais a terem um aprendizado significativo.

Desta forma, a professora A trabalha a leitura e a escrita, especialmente, a contação de história, fazendo produções escritas, leituras, jogos de palavras para que eles melhorem a escrita e a leitura. E com várias estratégias a professora trabalha todos os dias leitura e a escrita. Cocco e Hailer (1996):

Descrevem a leitura e a escrita como instrumentos básicos de ingresso e participação do cidadão na sociedade letrada. Isto quer dizer que a leitura e a escrita exercem função social. São ferramentas facilitadoras da compreensão e realização da comunidade do homem na sociedade contemporânea (p. 18).

Com a análise documental do Projeto Político Pedagógico da escola foi possível constatar que ele é um guia e um meio de comunicação, expressão, articulação de interesses, objetivos, inspirações e sentimentos com a comunidade escolar. É um instrumento dinâmico e está sendo elaborado permanentemente, reorganizando a memória do indivíduo, dando-lhe novos sentidos e significados, o que repercute em sua identidade.

Outro princípio do plano global da escola é considerar a sistematização do PPP de forma nunca concluída de um processo de planejamento participativo, que se aperfeiçoa e se objetiva na caminhada.

Moran (2000) defende os seguintes pressupostos ao afirmar que:

É preciso educar para usos democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias, que facilitem a evolução dos indivíduos. Quando a criança chega à escola os processos fundamentais de aprendizagens já estão desenvolvidos de forma significativa. Urge também a educação para as mídias, para compreendê-las, criticá-las e utilizá-las de forma mais abrangente possível (p.50).

De acordo com Moran (2000) é uma forma democrática, na qual os dirigentes professores, servidores técnico-administrativos, pais e alunos constroem em um processo de planejamento dinâmico. A escola segue algumas matrizes pedagógicas que norteiam nossa prática.

Atividades sistematizadas e extraclases desenvolvidos, pela escola, têm objetivos de ampliar os conhecimentos, integrando os alunos à sociedade de ações concretas. Além de relacionar a teoria à prática pedagógica, reconhecer a importância de contextualização com prática de atividades lúdicas; despertar o interesse dos alunos em visitar museus e tetos, ou seja, integrar o aluno à sociedade.

O planejamento pedagógico era o momento destinado à formulação de atividades que eram desenvolvidas com os alunos, auxiliando-os no processo de construção das habilidades e dos conhecimentos. Esse planejamento era realizado quinzenalmente e de forma conjunta, reuniam-se todos os professores e coordenadores. O Plano disciplinar era realizado anualmente, seguindo a organização, influenciada pelo PPP, pelas orientações dos PCN e pelo currículo municipal da Secretaria de educação para cada fase.

A maioria das dificuldades encontradas foi à falta de recursos didáticos, de apoio de alguns pais no processo de ensino-aprendizagem, o tamanho da sala de aula e um parquinho. Os recursos utilizados pelas professoras eram capturados na *internet*, livros para superar as dificuldades buscavam sempre trazer os pais como parceiros, levavam as crianças a brincar interagindo umas com as outras. Quanto ao fato da sala ser pequena, sempre que possível as professoras levavam os alunos para fazerem atividades no pátio

Mas, isto exigia do professor uma formação continuada para ajudar o aluno de várias maneiras, proporcionando um ambiente agradável, o lúdico esteja

presente. De acordo com Freire (2002) Soares (2003), Ferreiro (2012) no sentido de que alfabetizar é mais que letrar, pois o aluno letrado atribui um sentido e um significado à leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo geral analisar a prática pedagógica desenvolvida por duas professoras e sua turma, buscando analisar as atividades lúdicas e suas contribuições para aprendizagem dos alunos do primeiro ano do ensino fundamental. Ao longo deste estudo foi explorado o uso de atividades lúdicas no processo de alfabetização, apesar de perceber que cada professora tinha seu estilo próprio de ensinar, nota-se que meus objetivos foram alcançados, pois pude reconhecer a utilização de recursos lúdicos no processo de ensino-aprendizagem, especialmente, à leitura de livros infantis com histórias apropriadas para a idade deles.

Já os objetivos específicos foram: 1) identificar o que a professora compreende por atividades lúdica, ensino e aprendizagem; 2) descrever a prática pedagógica desenvolvida pela professora e; c) analisar a relação entre professoras-aluno e entre alunos-colegas.

O objetivo número 1 foi alcançado por meio das entrevistas. Pude compreender através das falas de ambas as professoras que estas compreendem o lúdico apenas como brincadeira e não como um recurso que pode ser complementar ao ensino e aprendizagem, que diz respeito a um processo de aquisição do conhecimento e desenvolvimento de habilidades. Fica claro então, apesar de reconhecerem que é possível aprender brincando, as educadoras não compreendem toda a importância de contextualizar atividades lúdicas com o conteúdo pragmático.

Por outro lado, o objetivo 2 só foi atingido com a observação participante que permitiu observar a prática pedagógica das professoras, seu relacionamento com os alunos e o relacionamento dos alunos entre eles. A Professora A apresentou um comportamento em sala mais rígido, controlando muito bem a disciplina dos seus alunos e os estimulando a ter uma boa convivência entre eles. Ao longo das aulas

ela demonstrou ser uma professora muito dinâmica, e em sala de aula trabalhava bastante a contação de histórias, estimulou os alunos a compartilhar suas leituras em sala e em casa.

Já a Professora B possuía um bom relacionamento com os alunos, mas sua turma não era tão disciplinada e existiam muitas “rusgas” entre os alunos. Além disso, sua prática pedagógica era elaborada com atividades que facilitassem a interação do aluno com o ambiente que o cercava, respeitando a diversidade. Neste contexto, ela procurava sempre utilizar recursos lúdicos, como livros, músicas, ilustrações, desenhos e entre outros.

Por meio das entrevistas e da observação participante tive acesso aos dados que deixaram claro o quanto era importante ler para os alunos, por exemplo, despertar neles maior interesse pela leitura ou como o aluno prestava mais atenção nos conteúdos quando eles estavam vinculados a algum recurso lúdico, seja música, ilustração, brincadeira etc. Por meio dos recursos lúdicos era possível construir uma nova forma de ensino, na qual o aluno ia a busca de novos conhecimentos juntamente com o auxílio do professor, isto é, ele se tornava responsável pela sua própria aprendizagem.

Desta forma, chego à conclusão que para que os alunos desenvolvam seu raciocínio e construam o seu conhecimento de forma descontraída, o professor pode utilizar-se de jogos e brincadeiras em atividades de leitura ou escrita e outros conteúdos, devendo, no entanto, saber usar os recursos no momento certo. Inclusive ressalto que temas como a formação dos professores deveria incluir a utilização dos recursos lúdicos no processo de ensino e aprendizagem e como estes recursos podem e devem ser utilizados, devem ser estudados e aprofundados.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Mirian Abreu de Souza. Diretora da EMEI “Antônio Guedes de Azevedo” Bauru – SP. Formada em Pedagogia pela Universidade do Sagrado Coração – Bauru – SP. **A Alfabetização e o Letramento com apoio das Tecnologias de Informação e**

Comunicação 15/01/2010 <http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=1725>. Acesso dia 18/11/2015 as 10: 18.

ASSOLINI, Filomena Elaine; TFOUNI, Leda Verdiani. Os (des)caminhos da alfabetização, do letramento e da leitura. **Paidéia (Ribeirão Preto)** [online]. 1999, vol.9, n.17, pp. 25-34. ISSN 1982-4327. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v9n17/04.pdf>. Acesso em abril de 2015.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei nº 9394. 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Vol1, 126p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: SEF, 1997.

CARDIA, Joyce Aparecida Pires. A importância da Presença do Lúdico e da brincadeira nas séries iniciais: um relato de pesquisa. **Revista Eletrônica de Educação**. Ano V. No .09/jul/dez, 2011.

CANÁRIO, R.A escola: o lugar onde os professores aprendem. **Conferência**. Universidade Aveiro, setembro de 1997.

FRANCO, Sandra; Cassiana Magalhães, RAIZER **Alfabetização e letramento: novas práticas pedagógicas**. Universidade Estadual de Londrina. (MORTATTI, 2006, p. 10) Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/anais/2012/anais/ensinofundamental/alfabetizacaoeletramento.pdf>.

Acesso em novembro de 2015.

FREIRE, Paulo. **Importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo. Autores associados/ Cortez. 1981.

GOIÁS, Secretaria de Educação. **Projeto Político Pedagógico** da Escola Municipal Sonho Infantil, Secretaria de Educação: Cidade de Goiás, 2015 p.77

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** São Paulo: Cortez, 2000.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE Eliana Borges Correia de; MORAIS, Artur Gomes. Letramento e alfabetização: pensando a prática pedagógica. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (Orgs.). **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2007.

LIMA, E. C. A. S. A utilização do jogo na Pré-Escola. In: HUERT, Bernard (Org.). **O jogo ea construção do conhecimento na pré-escola.** São Paulo: FDE, 1991. p. 24-29.

LUCKESI, Cipriano. Estados de consciência e atividades lúdicas. In: PORTO, Bernadete (Org.). **Educação e ludicidade.** Salvador: UFBA, 2004

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

PEDROZA, R. L. S. Aprendizagem e subjetividade: uma construção a partir do brincar. **Rev. Dep. Psicol.** UFF, Niterói, v. 17, n. 2, 2005.

PEREIRA, Caciana Linhares. Piaget, Vygotsky e Wallon: contribuições para os estudos da linguagem. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 277-286, abr./jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v17n2/v17n2a10.pdf>. Acesso em abril de 2015.

PIAGET, Jean. **A Psicologia da criança.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

PRODANOV, Cleber Cristiano. Metodologia do trabalho científico[recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed.– Novo Hamburgo: Feevale, 2013

QUEIROZ, Marta Maria Azevedo. **Educação infantil e ludicidade.** Teresina: Edufpi, 2009

ROSA, Adriana Padilha da. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Editor Sol, 2012. Cadernos de Estudos e Pesquisas da UNIP, Série Didática, ano XVII, N.2-016/12,160p, II.

SILVA, Ezequiel Theodoro Da. **O ato de ler: Fundamentos Psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 3º ano com edição – São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. **Revista Brasileira de Educação**. Publicada em 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em setembro de 2015.

VASCONCELOS, Adson. Aprender junto português. 4. ed.-São Paulo: Edições SM, 2013. In: Ribeiro, V.M.(org.). **Letramento no Brasil**. São (Paulo: Global, 2003 p.91-93). Disponível em: <http://posgraduando.com/diferencas-pesquisa-descritiva-exploratoria-explicativa/>(acesso 01/12/2015)

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS NO CAMPO DA PEDAGOGIA

Há quatro anos estava começando um curso de Pedagogia na UnB – UAB e tudo era muito difícil, tinha que fazer um *email* depois criar uma senha e o mais difícil: estudar sozinha. Meu Deus, o que é isto?! O tempo foi passando e eu fui me acostumando com o ambiente virtual, mas ainda hoje ainda surgem muitas dúvidas.

Atualmente já estou trabalhando com a educação de crianças de 4 anos e tenho gostado bastante, apesar das dificuldades que estou encontrando para criar a prática pedagógica inovadora que desejo. Tenho me esforçado para fazer coisas novas a cada dia. “Porque uma pedagoga tem que educar e se doar inteira para pessoas que nem conhece?” Vejo que a tarefa do pedagogo é oferecer oportunidades para os alunos crescerem e desenvolverem suas potencialidades. Cabe ao professor motivar os alunos e contribuir para a formação daquelas crianças. Isto é algo que não tem preço e deve ser feito com amor e compromisso.

Quando concluir o curso de Pedagogia desejo parar com meus estudos por um ano para cuidar de assuntos pessoais e ajudar minha filha a se preparar para o Enem. Mas na sequência, pretendo fazer o curso de Teatro e contação de histórias, oferecido pela UEG, acredito que isso pode me ajudar a ficar mais extrovertida, contando as histórias com mais entonação para torná-las mais atrativas para as crianças, além de me ajudar a utilizar este importante recurso lúdico no processo de ensino aprendizagem.

O pedagogo também deve estar preparado para enfrentar, com criatividade e competência os problemas do cotidiano, ser flexível e tolerante para garantir a formação de seus alunos mais prazerosa.

Penso em fazer uma especialização na área da educação infantil, quero pensar bem até ter uma maturidade pessoal e profissional para escolher a especialização certa pra mim. Outra opção que eu penso com muito carinho é fazer a especialização em psicopedagoga.

Meu objetivo é estudar aspectos relacionados à infância e a criança, mas também continuar em sala de aula. Sei que não é uma área muito bem remunerada,

mas estou fazendo uma coisa que me deixa muito orgulhosa, apesar da falta de reconhecimento algumas vezes.

Não quero parar de buscar aprender coisas novas, meu maior desejo é sempre estar fazendo novos cursos e também prestar um concurso na área de educação para alcançar a tão sonhada estabilidade.

Resumindo tudo que disse até agora: estou na reta final do curso de Pedagogia, que sempre me deixou muito feliz e orgulhosa em dizer que serei uma Pedagoga formada na UnB e, assim, pretendo continuar meus estudos fazer pós-graduação, mestrado e quem sabe até doutorado, as expectativas são grandes.

A cada dia gosto mais de crianças, de brincadeiras e do lúdico. Com isso percebo que estou no caminho certo, pois na sala de aula temos sempre buscar e descobrir coisas novas porque nossas crianças são muitos exigentes e sempre querem algo novo.

Meu objetivo é fazer algo que fique marcado como uma aula diferente, na qual todas as crianças que entrem na sala não queiram sair. Isso pode parecer audacioso, por enquanto ainda não consigo, mas acredito que com muito empenho e estudo vou encontrar uma boa estratégia para cumprir meu objetivo.

Creio que o mais importante para o Pedagogo é a capacidade de gerenciar a formação continuada. Para se tornar um pedagogo que atenda às necessidades dos tempos de hoje, é preciso ser capaz de atuar em diversas áreas educativas e compreender a educação como um fenômeno cultural, social e psíquico complexo.

APÊNDICE A

Roteiro de observação na sala de aula

1. Como é a prática que a professora usa para alfabetizá-la?
2. O que a professora faz em sala de aula – registre todas as atividades do dia.
Olhar para prática da professora como um todo?
3. O que a professora faz para ajudar os alunos que têm dificuldade com alguma questão em sala de aula
4. Como a professora desenvolve a leitura e a escrita em sala de aula?
5. Como é a relação da professora com os alunos?
6. Registrar as estratégias de ensino que ela usa para ler e escrever?

APÊNDICE B

Roteiro da entrevista com a Professora

I – Identificação

Nome:

Idade

Formação acadêmica: (se fez pedagogia ou outro curso)

Tempo de experiência no magistério:

Tempo de experiência com classes de alfabetização:

II – Desenvolvimento

1. Conte um pouco como desenvolve a sua prática pedagógica com os alunos
2. Em sua opinião, quais são as atividades que usa para alfabetizar seus alunos que dão mais certo?
3. Como tem desenvolvido a leitura e a escrita com seus alunos?
4. Se alguém lhe perguntasse o que é alfabetização e letramento, o que você diria?
5. Em sua opinião que facilidades e dificuldades você vivencia para alfabetizar os seus alunos?
6. Que sugestão você daria para um professor que está começando a carreira trabalhar com classes de alfabetização?

Apêndice C



Universidade de Brasília – UnB
Faculdades de Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor(a) Professor(a),

Sou estudante do Curso de graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando o Trabalho de Conclusão de Curso com um estudo sobre _____.

Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Esclareço que este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

A coleta de dados será realizada por meio de _____

(explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.)

Esclareço que a participação na pesquisa é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como _____ *(explicitar instrumentos de coleta de dados)*, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone _____ ou no endereço eletrônico _____. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Norma Lucia N Queiroz

Nome do Professor Norma Lucia N Queiroz – normaluciaq@yahoo.com.br

Apêndice D

**Contribuições da Literatura Infantil nos Anos
Iniciais do Ensino Fundamental em uma Escola
Pública de Goiânia-Go**

Prezado colaborador (a):

Sou estudante do Curso de Pedagogia a Distância da Universidade de Brasília– UnB e para a obtenção do título de graduada em Pedagogia estou realizando uma pesquisa sobre

Em hipótese alguma, sua instituição e/ou vocês era identificados. Os dados aqui coletados serão usados apenas para fins acadêmicos.

Agradeço sua colaboração em e coloco a disposição para quais quer esclarecimentos.

Obrigada

Pesquisador (a)

Goiás, dezembro de 2015